

Orientações para Sistematizar Experiências

Material de apoio para oficina Escola de Governo 2011

Oscar Jara H. (oscar@cepalforja.org)

Conteúdos

1. O que é sistematizar experiências?
2. Características da sistematização de experiências
3. Para que serve sistematizar experiências?
4. Condições para poder sistematizar experiências
5. Como sistematizar? Uma proposta metodológica em cinco tempos
 - A. O ponto de partida: viver a experiência
 - B. As perguntas iniciais
 - C. A recuperação do processo vivido
 - D. As reflexões de fundo: “Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”
 - E. Os pontos de chegada
6. Instrumentos de apoio
7. Bibliografia básica

(Tradução de Dénia Claudino, Cidac).

1. O que é sistematizar experiências?

A palavra *sistematização*, utilizada em diversas áreas, quer dizer principalmente **classificar, ordenar ou catalogar dados e informações** - “*organizá-los em sistema*”. Esta é a definição mais comum e difundida desta terminologia.

Contudo, no campo da Educação Popular e no trabalho em processos sociais, utilizamos o termo num sentido mais amplo. Referimo-nos não só a compilar e ordenar dados e informações, mas também a obter aprendizagens críticas a partir das nossas experiências. Como tal, não dizemos apenas “*sistematização*”, mas sim “*sistematização de experiências*” (SE).

– As experiências são **processos históricos e sociais dinâmicos**: estão em permanente mudança e movimento.

– As experiências são **processos complexos** onde intervêm uma série de factores objectivos e subjectivos que se interligam:

a) **Condições** de contexto ou de momento histórico em que se desenvolvem;

b) **Situações** particulares que as tornaram possíveis;

c) **Acções** intencionais que são realizadas com determinados objectivos (ou acções não intencionais que são apenas respostas a situações);

d) **Reacções** geradas a partir das acções;

e) **Resultados** esperados ou não esperados que vão surgindo;

f) **Percepções, interpretações, intuições e emoções** dos homens e das mulheres intervenientes;

g) **Relações** que se estabelecem entre os sujeitos das experiências.

– As experiências são **processos vitais e únicos**: expressam uma enorme riqueza acumulada de elementos. São inéditos e irrepetíveis.

Pelo que foi explicado anteriormente, podemos verificar que as tarefas de compreender, extrair ensinamentos e comunicá-los são tão apaixonantes, quanto exigentes. Apropriamo-nos criticamente das experiências vividas e transmitimo-las aos outros, partilhando, assim, as aprendizagens.

Então, podemos afirmar que:

A sistematização de experiências é uma interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir da sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido: os factores que intervieram, como se relacionam entre si e porque é que sucederam dessa forma.

Este esforço poderá assumir múltiplas formas, variantes ou modalidades, mas em qualquer sistematização de experiências devemos:

- a) Ordenar e reconstruir o processo vivido
- b) Realizar uma interpretação crítica desse processo
- c) Extrair aprendizagens e partilhá-las.

2. Características da sistematização de experiências

- Produz conhecimentos a partir da experiência, mas que devem transcendê-la
- Permite recuperar o sucedido através da reconstrução histórica
- Valoriza os saberes das pessoas que são sujeitos das experiências
- Identifica as principais alterações que se deram ao longo do processo e porque sucederam
- Produz conhecimentos e aprendizagens significativas a partir da particularidade das experiências, apropriando-se do seu sentido
- Constrói uma visão crítica sobre o que aconteceu, permitindo orientar as experiências para o futuro, através de uma perspectiva transformadora
- Complementa a avaliação (que normalmente se limita a medir e ponderar os resultados), contribuindo com uma interpretação crítica de todo o processo que possibilitou os resultados
- Complementa a investigação, a qual está aberta ao conhecimento de muitas realidades, contribuindo com conhecimentos extraídos das próprias experiências
- A SE contempla a narração dos acontecimentos, a descrição dos processos, a escrita de memórias, a classificação de tipos de experiências e a ordenação de dados. Tudo isto forma uma base de dados para realizar uma interpretação crítica
- Os protagonistas da SE devem ser os participantes das experiências, mesmo que para realizá-la peçam assessoria ou apoio a outras pessoas.

3. Para que serve sistematizar experiências?

Podemos sistematizar as nossas experiências com diferentes objectivos. Por exemplo:

- Para compreender em profundidade as nossas experiências e, assim, poder melhorá-las.

(Permite-nos descobrir ajustes, erros, formas de superar obstáculos e dificuldades, de tal forma que, no futuro, sejam tomados em consideração).

- Para partilhar as nossas aprendizagens com outras pessoas que tenham tido experiências similares.

(Permite-nos ir além dos simples encontros inter-pares, tornando-os mais qualitativos).

- Para contribuir para a reflexão teórica com conhecimentos surgidos directamente das experiências.

(Permite-nos conceber um corpo teórico que ajuda a interligar a prática com a teoria).

- Para influenciar as políticas e os planos a partir de aprendizagens concretas que provêm de experiências reais.

(Permite-nos formular propostas de maior alcance, baseadas no que sucede no terreno).

4. Condições para sistematizar experiências

São requeridas condições pessoais a quem as vai realizar, assim como condições institucionais por parte da organização que as promove.

Condições pessoais:

- Interesse em aprender com a experiência, valorizando-a como fonte de aprendizagem
- Sensibilidade para “deixar falar a experiência”, procurando não influenciar a observação e a análise com juízos de valor ou justificações
- Capacidade para fazer análises e sínteses que garantam rigor na utilização da informação e capacidade de abstracção.

Condições institucionais:

- Procura de coerência no trabalho em equipa, considerando-o como uma oportunidade de reflexão crítica, de aprendizagem mútua e de cons-trução de um pensamento colectivo
- Definição de um sistema integral de funcionamento institucional, que articule a planificação, a evolução, a investigação, o seguimento e a sistematização como componentes de uma mesma estratégia
- Vontade institucional para impulsionar processos cumulativos que permitam a narração dos percursos e a realização de novas etapas
- Dar a prioridade à atividade de SE, reservando tempo e recursos que garantam o seu sucesso.

5. Como sistematizar?

Uma proposta metodológica em cinco tempos.

A. O ponto de partida: viver a experiência

a1. Ter participado na experiência

a2. Ter registos da experiencia

B. As perguntas iniciais:

b1. Para que queremos fazer esta sistematização? (*Definir o objectivo*)

b2. Que experiência (s) queremos sistematizar? (*Delimitar o objecto a sistematizar*)

b3. Que aspectos centrais dessa (s) experiência (s) interessa sistematizar? (*Identificar o eixo da sistematização*)

b4. Que fontes de informação vamos utilizar?

b5. Que procedimentos vamos seguir?

C. Recuperação do processo vivido:

c1. Reconstruir a história

c2. Ordenar e classificar a informação

D. A reflexão de fundo: “Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”

d1. Analisar e sintetizar

d2. Fazer uma interpretação crítica do processo

E. Os pontos de chegada:

e1. Formular conclusões

e2. Comunicar as aprendizagens

A. O ponto de partida: viver a experiência

- Trata-se de partir da nossa prática, do que fazemos, do que pensamos, do que sentimos, etc.
- É indispensável ter participado de alguma forma na experiência que se vai sistematizar.
- Os homens e as mulheres participantes na experiência devem ser os protagonistas da sistematização (todavia, em muitos casos será necessário contar com apoios externos: para coordenar a metodologia, para organizar a informação, para aprofundar os temas de reflexão, para elaborar os produtos comunicativos, etc. Mas, em caso algum, estes apoios podem “substituir” as pessoas que viveram as experiências).
- É fundamental que se tenham realizado registos durante o desenrolar da experiência e que haja: cadernos de anotações; relatórios; actas e outros documentos produzidos; também é importante fazer gravações, vídeos, desenhos, guardar recortes de jornal, etc.

B. As perguntas iniciais

b1. Para que queremos fazer esta sistematização?

- Trata-se de *definir o objectivo* da sistematização, tendo bem presente a sua utilidade.
- Podem utilizar-se como referência os diferentes tipos de objectivos mencionados no ponto 3: “Para que serve sistematizar experiências”.
- Para definir o objectivo é importante tomar em consideração a missão e a estratégia institucionais, assim como os interesses e as possibilidades pessoais.

b2. Que experiência (s) queremos sistematizar?

- Trata-se de **delimitar o objecto** a sistematizar: escolher a(s) experiência(s) concreta(s) a sistematizar, indicando o lugar onde foram levada(s) a cabo, assim como o período de tempo que se vai escolher.
- Não se trata de cobrir toda a experiência desde a sua origem até ao momento actual, mas sim aquele período que seja mais relevante para o caso.
- Os critérios para a delimitação dependerão do objectivo definido, da consistência da experiência, dos participantes no processo, do contexto e da sua relevância.

b3. Que aspectos da (s) experiência (s) nos interessa sistematizar?

- Trata-se de **precisar o eixo da sistematização**, um fio condutor que atravessa a(s) experiência(s). Referimo-nos aos aspectos centrais que nos interessam sistematizar (normalmente não é possível sistematizar **todos** os aspectos que estiveram presentes na experiência).
- Permite concentrarmo-nos em alguns elementos e evitar a dispersão, aquando da realização da análise e da reflexão crítica.

b4. Que fontes de informação vamos utilizar?

- Trata-se de identificar, localizar e ordenar a informação necessária à recuperação do processo experiencial.
- Identificar qual a informação que necessitamos de obter, por exemplo, através de entrevistas, pesquisa documental, revisão de arquivos, etc.
- Neste ponto é importante centrarmo-nos nos registos referentes ao objecto delimitado e ao eixo de sistematização, para não perdermos tempo a compilar informação que não vai ser utilizada.

b5. Que procedimentos vamos seguir?

- Trata-se de traçar um plano operacional de sistematização: definir as tarefas a realizar, quem são os responsáveis por cumpri-las, quem são as pessoas que vão participar, quando e como. Definir os instrumentos e técnicas que vamos utilizar, fazer um levantamento dos recursos disponíveis e um cronograma de atividades.

C. Recuperação do processo vivido

c1. Reconstruir a história

- Trata-se de fazer uma reconstrução ordenada daquilo que sucedeu na experiência, normalmente de forma cronológica e dentro do período de tempo delimitado.
- Permite-nos ter uma visão global dos principais acontecimentos daquele período.
- Nesta fase, podemos identificar os momentos mais importantes, as principais decisões tomadas, as mudanças que marcaram o ritmo do processo e identificar as etapas da experiência.
- Podemos utilizar técnicas gráficas (por exemplo, uma linha do tempo) ou narrativas (contos, histórias, etc.).

c2. Ordenar e classificar a informação

- Trata-se de organizar toda a informação disponível sobre as diferentes etapas da experiência, tendo como fio condutor o eixo da sistematização (os aspectos que mais interessam).
- É importante determinar as variáveis e as categorias com clareza, de modo a ordenar e classificar correctamente a informação.
- Neste momento trata-se de ser o mais descritivo possível, procurando não formular conclusões ou interpretações dos factos. No entanto, podemos anotar ideias ou questões para aprofundar mais tarde (na fase interpretativa).
- Podemos utilizar matrizes (ou quadros) que ajudem a identificar as diferentes etapas, o que favorecerá a análise de aspectos particulares .

D. As reflexões de fundo:

“Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”

d1. Analisar e sintetizar

- Trata-se de iniciar a fase interpretativa sobre tudo o que se escreveu e reconstruiu previamente sobre a experiência.

- Analisar o comportamento de cada etapa separadamente e depois estabelecer relações entre essas etapas. Nesta fase surgem as questões críticas.
- Analisar as partes e o todo da experiência; analisar o individual e o colectivo.

d2. Fazer uma interpretação crítica do processo

- Trata-se de retomar as questões críticas, interrogando as causas do sucedido.
- Permite identificar as tensões e contradições, bem como as inter-relações entre os diferentes elementos objectivos e subjectivos.
- Permite entender os factores-chave da experiência e explicar ou descobrir a sua lógica (porque é que aconteceu de determinada maneira e não de outra).
- Este é o momento de confrontar as descobertas com outras experiências e estabelecer relações.
- Confrontar as reflexões da experiência com concepções ou formulações teóricas.

E. Os pontos de chegada

e1. Formular conclusões

- Trata-se de enunciar as principais afirmações que surgiram como resultado do processo de sistematização.
- Podemos formular concepções teóricas ou práticas.
- As conclusões são pontos de partida para novas aprendizagens, como tal devem ser formulações abertas, não se trata de conclusões “definitivas”.
- Devem corresponder aos objectivos a que nos propusemos com a sistematização.
- Verificar o que esta sistematização ensina para o futuro desta e de outras experiências.

e2. Elaborar produtos de comunicação e comunicar as aprendizagens

- Trata-se de tornar comunicáveis as aprendizagens.

- Permite partilhar as lições aprendidas, dialogar sobre elas e confrontá-las com outras experiências e aprendizagens.
- Não devemos limitar-nos a um só produto (o documento final), mas sim desenhar uma **estratégia de comunicação** que permita partilhar os resultados com todas as pessoas envolvidas e com outros sectores interessados. A estratégia deve ser pensada em função dos públicos a quem vai ser dirigida e deve fazer parte de um projecto educativo mais amplo.
- Recorrer a formas de comunicação diversificadas, criativas e atractivas, utilizando todo o material compilado e interpretado: vídeos, peças de teatro, fóruns de debate, colecção de folhetos, programas de rádio, banda desenhada, etc.

6. Alguns instrumentos de apoio para formular uma proposta de sistematização

A - Instrumentos de apoio : registo de experiências

Ao longo da experiência, podemos utilizar alguns instrumentos que nos permitirão, no final, ter informação organizada sobre o que aconteceu, quando, com quem, como e com que resultados. Apresentamos 3 formatos possíveis, como sugestões.

A1- Formato de registo diário

Este formato está preparado para ser preenchido de forma individual e diária, registando o trabalho realizado

Nome : _____ Data : ___/___/___

Projecto / área / programa / secção:

| O que fiz hoje | Tempo despendido | Para quê? | Quem participou | Resultados | Observações e impressões |
|----------------|------------------|-----------|-----------------|------------|--------------------------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

A2- Formato de registo semanal

Este formato está preparado para ser preenchido semanalmente e em equipa, tendo como fonte os registos individuais de cada pessoa integrante. Esta tarefa poderá ser realizada durante uma breve reunião de socialização do trabalho realizado, partilhando as diversas perspectivas.

Nome do projecto / área / programa / secção:

Semana : de ____/_____/____ a ____/_____/____ .

| Atividades desenvolvidas | Data | Objectivos | Responsável | Participantes | Resultados | |
|---------------------------------|-------------|-------------------|--------------------|----------------------|-------------------|--|
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |
| | | | | | | |

A3- Formato de registo de atividades

Este formato está preparado para ser preenchido quando uma atividade estiver finalizada. Pode ser feito de forma individual ou como parte de um trabalho colectivo.

Nome(s) : _____ Data : ___/___/___

Projecto / área / programa / secção:

1. O que foi realizado (título, tipo de atividade):

1.1 Onde:

1.2 Quem e quantas pessoas participaram:

1.3 Duração:

1.4 Descrição da atividade (uma página no máximo):

2. Se a atividade foi programada:

2.1 Objectivos que tenham sido planificados:

2.2 Resultados alcançados

a) Em relação aos objectivos previstos:

b) Resultados não previstos:

3. Se a atividade não foi programada:

3.1 Como e porquê decidimos realizar / participar nesta atividade:

3.2 Resultados alcançados:

4. Impressões e observações sobre a atividade:

5. Documentos de referência sobre a atividade (metodologia de trabalho, gravações, transcrições, convocatórias, materiais utilizados, etc.)

B- Instrumentos de apoio; recuperação de aprendizagens

Quando se inicia o processo de Sistematização de Experiências, é preciso recuperar as aprendizagens realizadas ao longo da experiência.

Seguem-se 2 formatos que se podem utilizar: uma ficha de recuperação de aprendizagens e uma matriz de ordenamento e reconstrução histórica.

B1- Ficha de recuperação de aprendizagens

Objectivos:

1. Recuperar lições de momentos significativos para formar um “banco de informação” de aprendizagens. Esta compilação pode ser utilizada durante a sistematização e partilhada com outras pessoas interessadas nas nossas experiências.
2. Exercitar a redação ordenada de relatos sobre factos e situações importantes e aprendizagens quotidianas.

Formato da ficha:

Título da ficha (que dê uma ideia geral da experiência):

Nome da pessoa(s) que a elabora:

Organização/instituição:

Data e local de elaboração da ficha:

a) Contexto da situação (1 ou 2 frases sobre o contexto no qual se deu o momento significativo: onde, quando, quem participou, motivos... quer dizer, uma referência que indique o que vai ser relatado num contexto mais amplo).

b) Relato do que aconteceu (no máximo, 1 ou 2 páginas, descrevendo o que aconteceu, de maneira a que se possa narrar o desenvolvimento da situação, o seu processo, o papel desempenhado pelos diferentes autores/as envolvidos/as).

c) Aprendizagens (1/2 página sobre as lições que essa experiência nos deixou e como poderão ser úteis para o nosso futuro).

d) Recomendações (1/2 página com recomendações a outras pessoas ou instituições relacionadas, que estejam a realizar ou queiram desenvolver experiências similares).

e) Palavras-Chave (que nos permitam identificar os temas centrais da experiência à qual se faz referência. Podem servir para catalogar e classificar temas comuns).

B2- Matriz de ordenamento e reconstrução histórica

Objectivos:

- a) Permite obter uma síntese visual do trabalho realizado, ordenado de forma cronológica
- b) Identifica momentos significativos
- c) Identifica etapas
- d) Permite ver continuidades e descontinuidades
- e) Facilita a análise de aspectos em separado

| Data | Atividade | Participantes | Objectivo(s) | Métodos | Resultados | Contexto | Obs. |
|------|-----------|---------------|--------------|---------|------------|----------|------|
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |

Esta matriz é flexível. O número e o tipo de colunas dependerá das necessidades e interesses em cada processo de sistematização.

Recomendações a considerar na utilização da matriz:

- Trata-se de descrever sinteticamente o mais relevante em cada aspecto.
- Devemos colocá-la num lugar visível e em grande formato (numa cartolina, na parede, etc.). Assim, quando a equipa se reúne, preenche e visualiza o desenrolar das atividades.
- Pode ser utilizada: durante ou depois da execução da experiência.
- A matriz deve ser feita para o período que se escolheu sistematizar.
 - Uma vez preenchida, permite identificar as etapas da ação. Mas só devemos registar as que realmente levámos a cabo, não as que estavam previstas; quer dizer, escrevemos o realizado, não o planeado (que nem sempre coincidem).

7. Bibliografía básica

Alboán, Hegoa, Instituto de DDHH de la Universidad de Deusto: *La Sistematización, una nueva mirada a nuestras prácticas – Guía para la sistematización de experiencias de transformación social*, Bilbao, 2004. 77

Disponível em: www.alboan.org/sistematización

Antillón, Roberto: *La Sistematización: ¿qué es? y ¿cómo se hace?*, Imdec, Guadalajara, 1995.

Ayllón Viaña, María Rosario: *Aprendiendo desde la práctica- una propuesta operativa para sistematizar*, Kallpa, Lima, 2002

Barnechea, María Mercedes; Estela González, María de la Luz Morgan: *La Sistematización como Producción de Conocimientos*. Taller Permanente de Sistematización-CEAAL-Perú. Biblioteca Virtual de Sistematización /Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización del CEAAL.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

¿Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización, Taller Permanente de Sistematización-CEAAL Perú, Lima, 1992

Cendales, Lola: *La Metodología de la sistematización, una construcción colectiva*, en: revista aportes # 57, Dimensión Educativa, Bogotá 2004

De Souza, João Francisco: *Sistematización: un Instrumento Pedagógico en los Proyectos de Desarrollo Sostenible*.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Díaz , Cecilia y Ana Felicia Torres: *Las Mujeres Rurales Centroamericanas: Sistematización de su Experiencia en Torno al Derecho a la Propiedad de la Tierra en Cinco Países*.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Fernández, Benito y María Oviedo: *La sistematización: una herramienta para el mejoramiento de la calidad educativa en las escuelas,- módulo de autoaprendizaje-* La Paz, 2003.

Falkembach, Elza: *A história da formação para a sistematização no SPEP*, Seminário Permanente de Educação Popular, Unijui, Ijui, 1995.

Gagnetten, Maria Mercedes: *Hacia una metodología de sistematización de la práctica*, ed. Humanitas, Bs. As., (circa 1986)

Ghiso, Alfredo: *De la Práctica Singular al Diálogo con lo Plural: aproximaciones a otros tránsitos y sentidos de la Sistematización en épocas de globalización*.

Apresentado no Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín. Agosto, 1998.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Entre el hacer lo que se sabe y el saber lo que se hace, en: Revista Aportes # 57, Dimensión Educativa, Bogotá, 2004.

Henríquez, Argentina, Marcos Villamán, Josefina Zaiter: *Siste-matización*, Centro Cultural, Poveda, Santo Domingo, 1995.

Ibañez, Alfonso: *La dialéctica en la sistematización de las experiencias*, revista Tarea, Lima, Setembro de 1991.

Jara, Oscar: *Dilemas y Desafíos de la Sistematización de Experiencias*. Centro de Estudios y Publicaciones-Alforja. Costa Rica. Maio, 2001.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.

Para Sistematizar Experiencias: una propuesta teórica y práctica. Alforja, San José, 1994. (edições posteriores de Imdec, México; Tarea, Perú; Mfal, Uruguay; Gripac, Rep. Dominicana; UFPB-EQUIP, Brasil; MMA, Brasil; CIEP Guatemala).

La Tierra Prometida: *presentación de la sistematización de la Expe-riencia del Programa de Transferencia de Tierras (PTT)*. Fundación Promotora de Cooperativas FUNPROCOOP - El Salvador-Noviembre 1999-2000.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Luz, Mara y Ana Bickel: *Documento de reflexión sobre la experiencia de sistematización con la población desarraigada de Guatemala*, Alforja, San José, 1997.

Marfil Francke, María de la Luz Morgan: *La Sistematización: apuesta por la Generación de Conocimientos a partir de las Experiencias de Promoción*. Escuela para el Desarrollo, Materiales Didácticos No.1

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.

Martinic, Sergio: *Análisis de algunas Categorías de Sistematización*, CIDE-FLACSO, Talagante, 1984.

El Objeto de la Sistematización y sus Relaciones con la Evaluación y la Investigación. Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Siste-matización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín. Agosto. 1998

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

La Interacción Comunicativa y la Acción Social: un objeto desafiante para la Sistematización.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.

Martinic, Sergio y Horacio Walker (CIDE): *La Reflexión Metodológica en el Proceso de Sistematización de Experiencias de Educación Popular*, en: La Sistematización en los Proyectos de Educación Popular, CEAAL, Santiago, 1987.

Morgan, María de la Luz: *La Producción de Conocimientos en Sistematización. Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín. Agosto, 1998.*

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Búsquedas Teóricas y Epistemológicas desde la Práctica de la Sistematización. Taller Permanente de Sistematización.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.

Morgan, María de la Luz y María Luisa Monreal: *Propuesta de Lineamientos Orientadores para la Sistematización de Experiencias de Trabajo Social* en: Sistematización, Propuesta Metodológica y dos Experiencias: Perú y Colombia, Nuevos Cuadernos, No. 17, CELATS, Lima, 1991.

Naranjo Giraldo, Gloria: *Formación de ciudad y conformación de ciudadanía* en: “Sistematización de Prácticas en América Latina”, revista La Piragua # 16, CEAAL, Santiago, 1999.

Osorio Vargas, Jorge: *Cruzar a la Orilla: debates emergentes sobre los Profesionales de la Acción Social y Educativa.*

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Palma, Diego: *La Sistematización como Estrategia de Conocimiento en la Educación Popular. El Estado de la Cuestión en América Latina*, Papeles del CEAAL, No. 3, CEAAL, Santiago do Chile, 1992.

Quirós Martín, Teresa y María de la Luz Morgan: *La Sistematización, un Intento Conceptual y una Propuesta de Operacionalización*, en: La sistematización en los Proyectos de Educación Popular, CEAAL, Santiago, 1987.

Rodríguez Villalobos, Rocío: *Compartiendo secretos: sistematizando desde la equidad*, UICN/Fundación Arias, San José, 2004.

Taller Permanente de Sistematización CEAAL – Perú: *Memoria I Taller Nacional de Sistematización, 20-24 de Julio, 1992. Lima, Agosto de 1992; Memoria Seminario de Intercambio y Debate sobre Sistematización 20-24 de Julio. Lima, Agosto de 1992.*

Torres, Alfonso: *Una experiencia de sistematización con cinco organizaciones populares.* Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá, 2003.

La sistematización desde la perspectiva interpretativa, en Rev. Aportes, n. 44, Bogotá, 1996.

Sistematización de experiencias de organización popular en Bogotá, en: Revista Aportes # 57, Bogotá, 2004.

Torres, Ana Felicia, Laura Guzmán, Isabel Quesada, Diana Fuster, Lisbeth Ramírez, Pilar González: *Sistematización: reconstrucción de liderazgos femeninos, experiencias desde lo cotidiano, personal y colectivo*, Programa Prolid Bid, 2002

Ubilla, Pilar: *El ómnibus del Abrojo*, MFAL, Montevideo, 1998.

Verger i Planells, Anthoni *Sistematización de Experiencias en América Latina. Una Propuesta para el Análisis y la Recreación de la Acción Colectiva desde los Movimientos Sociales*. Dpto. de Sociología de la Universidad Autónoma de Barcelona. Biblioteca Virtual de Sistematización/Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización de CEAAL.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Veronesse, Claudino: *A experiência de Sistematização do SPEP – UNIJUI- Brasil*. Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín. Agosto, 1998. Biblioteca Virtual de Sistematización/Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización de CEAAL.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html

Zabalaga Estrada, Carmen: *Los Desafíos de las Mujeres en la Planificación Municipal*. Municipio de Cercado, Cochabamba. Sistematización de la Experiencia de Trabajo del Instituto de Formación Femenina Integral. IFFI. Mayo, 2003. Biblioteca Virtual de Sistematización/Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización del CEAAL.

Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.

Zuñiga, Ricardo. “ *Sistematizar Para Qué y Para Quién*”. Ponencia presentada al Congreso Mundial de Trabajo Social. Lima – Perú, Agosto